

# REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A SUA APLICAÇÃO NO TRABALHO JUNTO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

## REFLECTIONS ON THE PHYSICAL EDUCATION FORMATION AND ITS APPLICATION FOR WORKING WITH HANDICAPPED PUPILS

Josiane Filus\*  
Joaquim Martins Junior\*\*

---

### RESUMO

Nos últimos anos tem crescido o número de pessoas com deficiência que praticam atividades físicas. Devido à sua formação eclética, os profissionais da área, além de atenderem essa população em academias, lecionam também em escolas, que, devido à política de inclusão escolar, colocam os alunos com deficiência nas suas turmas regulares. Nesse contexto, este estudo visou identificar se os conteúdos recebidos no curso de Educação Física fornecem subsídios ao profissional que forma, possibilitando-lhe o trabalho com esta população. Além disso, buscou a identificação dos locais de atuação dos profissionais, as atividades desenvolvidas por eles e ainda sua opinião sobre a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular. Com este fim, foi aplicado um roteiro de entrevistas a uma amostra composta por quatorze profissionais, de ambos os sexos, que trabalhavam nesta área de atuação, tendo-se verificado que metade dos sujeitos não teve qualquer contato com conteúdos relacionados à área da deficiência durante a sua graduação e que, por tal motivo, tiveram dificuldades no início da carreira, destacando-se os relacionados à falta de experiência e de conhecimentos específicos. Constatou-se também que muitos estão descontentes com a formação recebida neste particular e que lhes falta um maior conhecimento sobre a pessoa com deficiência, bem como uma preparação para lidar com eles, problemas que somente são superados com a prática e com a experiência que adquirem no seu dia-a-dia. Concluiu-se assim que todas as disciplinas dos cursos de graduação em Educação Física deveriam fornecer algum conteúdo sobre como cada uma delas poderia lidar com as pessoas portadoras de deficiência, para que, juntas, possam formar um educador capaz de atender às necessidades especiais desses alunos.

**Palavras-chave:** Educação Física. Formação profissional. Pessoas com deficiência.

---

### INTRODUÇÃO

De acordo com Vayer e Roncin (1989), a deficiência é a desvantagem que um indivíduo deve suportar em relação ao mundo circundante. Entendem eles que cada ser humano está sempre com maior ou menor desvantagem em certas situações, porém tal desvantagem pode ser compensada por facilidades em certas circunstâncias.

Martins (1995) refere que a Educação/Atividade Física Adaptada é um campo emergente da Educação Física, onde o professor deve ser paciente, observador e criativo, pois com esta clientela as dificuldades

são sempre grandes para superar pequenos obstáculos.

Hoje em dia, determinadas instituições, academias e algumas escolas públicas estão desenvolvendo o processo de inclusão, ou seja, numa mesma turma estão incluídas crianças com deficiência e crianças denominadas normais.

Em Maringá, encontramos diversas instituições especializadas no atendimento a essa população, destacando-se: Associação Norte Paranaense de Reabilitação (ANPR), Associação de Apoio ao Fissurado Lábio Palatal (AFIM), Associação Maringaense de Autistas (AMA), Associação de Mestres, Alunos e Amigos de Deficientes Visuais (AMADEVI), Centro de Vida Independente (CVI), Associação dos

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá-UEM.

\*\* Doutor, Docente do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar.

Deficientes por Amputação de Maringá (ASSAMA), Associação Norte Paranaense de Audiocomunicação Infantil (ANPACIN), Associação dos Deficientes Visuais de Maringá (ADEVIMAR), Associação de Pessoas Deficientes de Maringá (APEDEM), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Centro Educacional nº1, Escola Especial São Leopoldo e Associação Maringaense de Saúde Mental.

Em algumas dessas instituições é crescente a presença dos profissionais de Educação Física atendendo essa clientela, porém ainda em número pouco expressivo. Nas escolas, encontramos profissionais da Educação Física trabalhando com essa população, proporcionando-lhe atividades com conteúdos ligados principalmente à educação, saúde, desenvolvimento motor e sociabilização.

Cruz (2001) destaca que a competência necessária ao profissional de Educação Física para atuar junto a esses alunos abrange a organização de ambientes que permitam a execução de tarefas motoras adequadas ao seu processo de desenvolvimento, além de possuir conhecimentos específicos sobre a “deficiência” e também aos relacionados à aprendizagem, ao desenvolvimento motor e à metodologia do ensino da Educação Física.

O autor enfatiza que o professor deve focalizar o movimento, e não a deficiência da pessoa, proporcionando a ela condições de emitir respostas motoras que lhe permitam interagir com o ambiente onde vive.

Essas e outras premissas semelhantes nos levam a questionar: será que o egresso do curso de Educação Física está preparado para trabalhar com pessoas com deficiência? Como pensam a deficiência e as pessoas com deficiência? Há uma estrutura e materiais necessários para garantir a qualidade das aulas? Há diferenças entre o ensino para pessoas com deficiência e para as pessoas sem limitações? Há diferenças significativas nas aulas, entre essas duas clientelas? É necessária uma formação especial para lidar com a pessoa com deficiência? É possível incluir todos?

Buscando as respostas a essas e outras questões, este estudo visou verificar se a formação recebida no curso de Educação Física fornece subsídios ao profissional que forma,

possibilitando-lhe trabalhar com esta população. Uma revisão inicial da literatura a respeito mostrou a realidade exposta a seguir.

### **A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A ATUAÇÃO COM PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

A Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação através da Resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação, prevendo a atuação do professor de Educação Física junto às pessoas com deficiência e outras necessidades especiais. Devido a esta preocupação tardia observamos que muitos professores de Educação Física atuantes hoje nas escolas, não receberam, durante a sua formação, conteúdos e/ou assuntos pertinentes à Educação Física Adaptada (CIDADE; FREITAS, 2002).

Atualmente, quase todos os cursos de Educação Física dispõem de uma disciplina que trata do assunto; no entanto os estudos de Cruz (2001, p. 108) revelam que, ao final do curso de graduação, uma das frases mais comuns dos graduandos é: “Eu não me sinto preparado para trabalhar com pessoas portadoras de deficiência”.

Segundo Molina Neto (1997), tais casos são reflexos de uma formação inicial deficiente que, transmitindo um conjunto de conhecimentos básicos, estimula uma forma de pensar e um modo de trabalhar que necessitam ser suplementados pela experiência, pela prática e pela formação permanente.

A esses problemas da formação em Educação Física soma-se a ausência de conteúdos relacionados à Educação Especial, que se tornou fundamental no momento em que a inclusão é um assunto importante de debate no âmbito escolar.

Após o VII Ciclo de Estudos sobre Deficiência Mental, em São Carlos (1993), o grupo de estudos sobre a formação profissional em Educação Especial considerou que o tipo de formação de educadores, altamente mecanizado ou tecnicista, propicia que o aluno aprenda praticamente a aplicar técnicas ou define “o como” e “o porquê” de ensinar, como se estes pontos não se encontrassem na sua esfera de decisão. Se por um lado essa formação garante

maior segurança ao professor, por outro produz resultados duvidosos no tocante ao impacto deste tipo de educação sobre a população com deficiência.

O grupo considerou também que, ao ingressar no curso de graduação, o aluno traz consigo uma concepção do fenômeno da deficiência geralmente repleta de estereótipos e preconceitos que o influenciam nas suas atitudes perante as pessoas com deficiência. As concepções baseadas no discurso cotidiano referentes ao fenômeno da deficiência costumam, em geral, ser pessimistas, ocasionando baixas expectativas com relação tanto à possibilidade de que a pessoa com deficiência aprenda quanto à capacidade do professor de ensiná-lo.

Esses e outros motivos demonstram que, a fim de superar essas barreiras criadas na formação inicial, é necessário que os alunos tenham uma maior vivência com pessoas com deficiência.

A esse respeito, Mazzotta (1993) refere que a prática de ensino com crianças “normais” deveria acontecer mais intensamente e preceder as experiências de ensino com crianças com deficiência, pois inicialmente o impacto dos primeiros contatos com esse aluno gera uma grande dificuldade em lidar e aceitar o diferente.

Evidencia-se assim que o contato com a pessoa com deficiência deve ser de alguma forma ampliado nos cursos de Educação Física, para que sejam sanadas as principais dificuldades dos egressos.

#### **Após a graduação: as primeiras dificuldades na atuação profissional**

Würdig (1999), ao estudar a prática pedagógica dos professores da rede de ensino, oferece alguns indicadores que podem ser incorporados à formação inicial, dos quais destaca a “atitude dos professores frente às diferenças” dos seus alunos. Segundo o autor, os professores enfrentam dificuldades em ensinar diante das diferenças de gênero, de comportamentos, de valores, de atitudes, de culturas e de histórias pessoais. Essas diferenças têm exigido do professor o desenvolvimento de capacidade para lidar com os conflitos decorrentes da heterogeneidade dos alunos.

Mantoan (1997) refere que os alunos são diferentes uns dos outros, e os professores devem tratá-los de modo diferente para alcançar os mesmos objetivos de ensino. Para isso, devem estimular os alunos em geral a se comportarem ativamente diante dos desafios do meio escolar, abandonando, na medida do possível, os estereótipos, os condicionamentos e a dependência que lhes são típicos, sejam os alunos “normais” ou com deficiência.

Para tanto, os profissionais de Educação Física esbarram num outro indicador citado por Würdig (1999): “a imagem da prática como algo controlado e regulado”. De acordo com os estudos do autor, os professores não têm controle nem conseguem prever todas as atitudes e ações que serão desenvolvidas durante as aulas, mas as consideram algo previsível e estabelecido *a priori* e se ajustam às mais diferentes situações.

O profissional de Educação Física, ao lidar tanto com alunos ditos normais como com alunos portadores de deficiência, deve ter clareza das suas propostas de trabalho e dos objetivos da aula, a fim de saber estimular os alunos, respeitando as suas individualidades e sabendo utilizar a improvisação para o alcance das suas propostas.

A fim de formar bons educadores, principalmente em Educação Especial, é essencial avaliar a motivação destes profissionais para tal trabalho.

Muitos profissionais entram nesta área do mercado de trabalho por motivos como a necessidade, a curiosidade e a oportunidade, estando, porém sujeitos a não prestar total atenção às necessidades dos alunos. Para serem bons profissionais devem estar motivados a buscar novos conhecimentos e práticas que incrementem as suas aulas.

#### **Apontamentos à graduação e a necessidade da formação contínua**

O processo de formação não se extingue no término do curso universitário, mas se prolonga por toda a trajetória profissional, através da troca de experiências e da partilha de conhecimentos, processo em que os professores vão transformando, agregando e reorganizando idéias, conhecimentos, posturas e formas de

organizar o trabalho em função da convivência com os alunos (WÜRDIG, 1999).

Segundo Molina Neto (1997), esta experiência adquirida com a prática leva os professores a manifestarem críticas ao saber universitário, nas quais reconhecem ser importante o conhecimento que desenvolvem na prática, porém desconhecido e pouco considerado pelas instituições de formação. Na opinião do autor, para os professores de Educação Física, participar de atividades de formação permanente é uma idéia que tem muita força, porém, ao mesmo tempo, apresenta contornos polêmicos, por estar ligada a conceitos como atualização, controle do trabalho, salário, promoção na carreira docente, além de outros como exploração, intensificação e colonização do trabalho docente.

Demo (1992) apud Marques (2001) aponta a questão salarial como um fator desmotivante para o profissional da educação. Segundo ele, os salários se situam em patamares muito baixos, comprometendo a própria qualidade da formação e do desempenho profissional. E ainda, à dura realidade salarial associa-se a desvalorização profissional do professor.

A Educação Física Adaptada é um tema relativamente recente, tanto na esfera acadêmica como na vida cotidiana; por isso muitos estabelecimentos especializados carecem de professores, alguns por não encontrarem pessoas capacitadas e muitos por ainda não compreenderem a importância de tal prática para os alunos com deficiência.

Nas escolas regulares, muitos professores de Educação Física, com carga horária excessiva e múltiplos vínculos e jornadas, não têm oportunidade de reciclagem e de aperfeiçoamento. Segundo Marques (2001), isso representa um grande obstáculo para a melhoria das suas práticas, contribuindo para que as suas concepções e os seus conhecimentos se cristalizem cada vez mais e comprometam a sua capacidade de reflexão e a disposição para a mudança. Este fato se constitui em mais uma barreira para a inclusão escolar.

Para Cruz (2001), as pessoas com deficiência estariam servidas de melhores e mais seguros profissionais na área da

atividade física se o assunto necessidades especiais - deficiência fosse introduzido na formação profissional em nível de graduação, não com somente uma única disciplina “dando conta do recado” e tratando com profundidade os aspectos conceituais da deficiência, mas sim, com o envolvimento de outras disciplinas do curso com o referido tema.

Citando autores como Rizzo, Broahead e Kowalski (1997), Reid (2000) e De Paw (2000), Cruz refere que, quando se sinalizar a inclusão de informações sobre as pessoas com deficiência em disciplinas comuns da graduação, o professor de Educação Física terá um suporte inicial para enfrentar as demandas sociais relacionadas ao tema deficiência e inclusão, suporte que irá ao encontro das suas necessidades ao adentrarem nesse mercado de trabalho.

Diante da evidente busca pela atividade física e da carência destes conteúdos na formação inicial, este estudo visou identificar se a formação recebida no curso de Educação Física fornece subsídios ao profissional para o trabalho com pessoas com deficiência.

## METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa exploratória (VAN DALEN, 1971), que buscou identificar os problemas da formação inicial dos cursos de Educação Física relacionados ao trabalho com pessoas com deficiência.

O estudo foi realizado com os professores de Educação Física da cidade de Maringá – PR que atuavam com alunos portadores de deficiência nas instituições especializadas que ofereciam a prática da Educação Física, bem como em escolas que, segundo informações do Núcleo de Educação de Maringá, possuíam turmas inclusivas. A amostra foi composta de quatro homens e dez mulheres.

O instrumento de coleta dos dados foi um roteiro de entrevistas, com questões estruturadas, acerca da formação profissional e do processo de inclusão educacional. Esse instrumento foi validado, no conteúdo, na forma e na metodologia, por especialistas em metodologia e no conteúdo estudado.

A coleta dos dados foi realizada nos locais de trabalho dos sujeitos e nos horários vagos da sua atuação. O preenchimento do instrumento foi acompanhado pelos pesquisadores e recolhidos imediatamente após seu término, evitando erros de interpretação e devolução incompleta. Os dados obtidos foram analisados através das frequências e porcentagens, dispostos em tabelas e gráficos.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A amostra, composta de profissionais com uma média de idade de 36,2 anos, os quais já trabalhavam com essa população entre oito meses e doze anos, possuía as seguintes características:

**Tabela 2** - Dificuldades encontradas pelos entrevistados no mercado de trabalho.

Dificuldades	No início da carreira		Atualmente	
	F	%	F	%
Falta de experiência	11	78.57	-	-
Planejamento das aulas	5	35.71	-	-
Falta de apoio dos pais dos alunos	2	14.28	1	7.14
Falta de recursos	1	7.14	4	28.57
Salário baixo	-	-	1	7.14
Poucas aulas	1	7.14	1	7.14
Não ter cursado Educação Física Adaptada	1	7.14	-	-
Pouca literatura	1	7.14	1	7.14
Não teve/tem dificuldades	1	7.14	2	14.28

Observou-se assim que muitos profissionais (78.57%) sentiram dificuldades no início da carreira, principalmente pela falta de experiência, tanto na área de Educação Física como no contato com pessoas com deficiência, alegando ausência de informação e conhecimento sobre as deficiências durante a graduação, além de conhecerem poucos profissionais na área para a troca de experiência. Consideram como dificuldade inicial a necessidade de planejamento das aulas, devido à heterogeneidade da turma.

Tanto no ensino regular como nas instituições especializadas, a falta de colaboração dos pais (14.28%), principalmente no incentivo à prática de atividades físicas, e ainda, a falta de recursos (7.14%), o diminuto número semanal de aulas (7.14%), o fato de não ter cursado Educação Física Adaptada (7.14%),

**Tabela 1** - Ano de graduação dos entrevistados.

Graduação	Feminino		Masculino		Total	
	F	%	F	%	F	%
De 1976 a 1981	3	30.00	-	-	3	21.42
De 1982 a 1986	2	20.00	-	-	2	14.27
De 1987 a 1992	2	20.00	-	-	2	14.27
De 1993 a 1998	2	20.00	3	75.00	5	35.71
De 1999 a 2002	1	10.00	1	25.00	2	14.27
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>14</b>	<b>100</b>

Considerando que a disciplina Educação Física Adaptada foi inserida no currículo do curso de Educação Física da UEM em 1992, constatamos que metade da amostra não teve nenhum contato com a disciplina e certamente recebeu pouco ou nenhum conteúdo a respeito da deficiência durante a sua graduação.

e a escassez de literatura relacionada à área (7.14%) têm sido as principais dificuldades que enfrentam. Somente um entrevistado afirmou não ter tido nenhuma dificuldade no início da carreira.

Foi também possível constatar que, embora com experiência na área e a prática do dia-a-dia, as dificuldades persistem, mudando, porém, o seu enfoque.

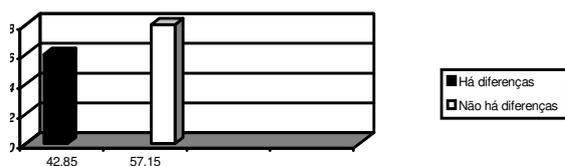
Atualmente, os professores citam como dificuldades a falta de recursos (28.57%), a falta de apoio dos pais dos alunos (7.14%), o baixo salário (7.14%), as poucas aulas com a turma (7.14%) e ainda, a falta de literatura (7.14%). Poucos sujeitos (14.28%) afirmaram não ter maiores dificuldades no trabalho que realizam, devido ao apoio da instituição e dos pais.

Os resultados demonstraram que, com a prática, os professores ultrapassam as

dificuldades iniciais da sua falta de experiência em lidar com essa população, enfrentando, porém, no presente, outras dificuldades, como problemas estruturais e administrativos das instituições, além dos problemas familiares dos alunos.

Foi muito citada como dificuldade a heterogeneidade da turma, tanto nas instituições especializadas como no ensino regular onde existem alunos incluídos, acreditando-se que o trabalho poderia ser mais rico com turmas mais homogêneas, assim como ocorre no ensino regular “normal”. A esse respeito, Perrenoud (2000) infere que o fato de haver inúmeros alunos na sala não significa que eles possuam o mesmo nível de desenvolvimento, os mesmos conhecimentos prévios, a mesma relação com o saber, os mesmos interesses, os mesmos recursos e idênticas maneiras de aprender. Sugere, portanto, ser necessária a diferenciação dos alunos, bastando, para isso, romper com a pedagogia frontal (mesma lição e exercícios para todos), a fim de criar uma organização do trabalho e dispositivos didáticos que coloquem cada um dos alunos numa situação ótima de aprendizagem.

Em relação ao fato de terem de ministrar aulas para pessoas com deficiência em turmas inclusivas, os professores foram questionados sobre as possíveis diferenças de atendimento em relação a essas duas populações.



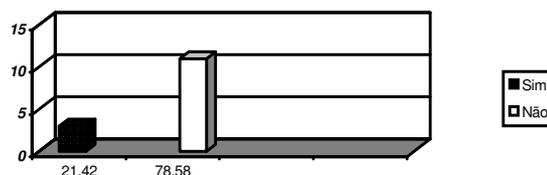
**Gráfico 1.** Opinião sobre as possíveis diferenças entre aulas para turmas com pessoas com deficiência e para turmas onde não há deficientes.

Os professores (42,85%) que responderam haver diferenças nas aulas justificaram que, nessas “os exercícios são descritos com mais detalhes, realizam adaptação dos jogos, as pessoas com deficiência fazem algumas atividades separadas do grupo com alguns colegas de classe auxiliando, há diferença tanto na parte motora e na cognitiva como, e principalmente, na afetiva”. Um dos entrevistados afirmou que “O professor tem que ser dinâmico, perseverante e cheio de improviso,

pois se trabalha conforme os alunos se apresentam”. Outro, afirmou que a linguagem é diferenciada nas explicações das atividades e que “o conteúdo é o mesmo, porém a metodologia é diferente, e a aplicação pedagógica das atividades pode variar em relação às conquistas e os objetivos dos alunos”.

Outro entrevistado destacou que para trabalhar com esta população há “necessidade de conhecer bem os alunos, os seus limites e as suas possibilidades”. Porém muitos (57,15%) acreditam que não há diferenças nas aulas.

Considerando que muitos apontaram não haver diferenças entre esses tipos de aula, questionou-se, a respeito da formação recebida no curso de Educação Física, se ela foi suficiente para o trabalho com os alunos com deficiência.



**Gráfico 2** - Opinião se a formação universitária forneceu subsídios ao trabalho que exerce.

Poucos pesquisados (21,42%) consideraram que a sua formação lhes forneceu subsídios suficientes para trabalhar e ministrar as aulas, embora tenham enfatizado que não se pode parar de estudar.

Muitos dos profissionais entrevistados (78,58%) não se sentiram confiantes ao sair da graduação para trabalhar com as pessoas portadoras de deficiência. Um dos motivos é não terem cursado a disciplina Educação Física Adaptada, que, na época da sua graduação, devido ao fato de as crianças com deficiência, à época, não terem ainda sido incluídos nas aulas de Educação Física na escola, não era considerada importante no seu currículo.

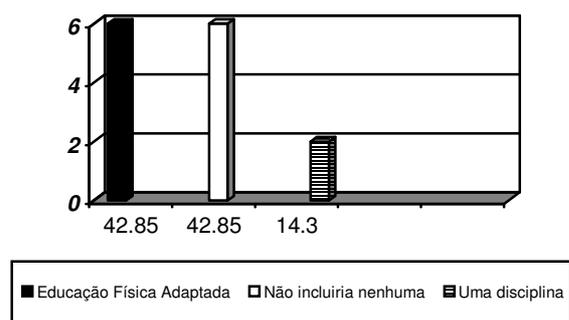
Não obstante, muitos que cursaram essa disciplina também disseram não ter tido uma boa preparação na graduação, alegando que o curso apenas forneceu uma pequena base, que havia poucas aulas e que realmente só aprenderam após iniciarem nesta prática e após a sua participação em cursos e estudos relacionados a esta área.

Nesta perspectiva, foi preciso reconhecer que conteúdos e disciplinas do curso deveriam ter sido mais enfatizados, para um melhor trabalho com as pessoas portadoras de deficiência.

Foram então apontadas a Educação Física Adaptada (21.42%), a Fisiologia, a Recreação e a Biologia (14.58%), numa mesma proporção, e também, a idéia de que todas as disciplinas do curso, nos seus conteúdos, deveriam contemplar conteúdos sobre a pessoa com deficiência. Em menor proporção (7.14%), citaram a Anatomia, a METEP e a Prática de Ensino, além da necessidade de se oferecer um conteúdo maior sobre deficiência mental na própria disciplina. Somente um dos entrevistados (7.14%) disse que não haveria necessidade de mudanças, enquanto outros 28.57% não responderam à questão.

Os pesquisados mencionaram também o fato de que algumas disciplinas, como a Anatomia e a Fisiologia, não são relacionadas à Educação Física Adaptada, talvez pela distância entre elas na distribuição da grade curricular do curso (primeiro, segundo e quarto anos respectivamente), não havendo, portanto, uma seqüência entre elas.

Sobre quais disciplinas incluiriam no curso para subsidiar o seu trabalho nesta área de atuação, assim se manifestaram:



**Gráfico 3.** Disciplinas que deveriam ser incluídas no curso de Educação Física.

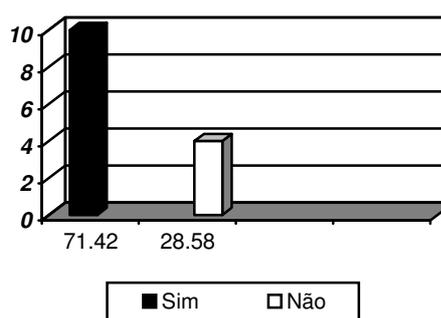
Como se citou anteriormente, metade dos entrevistados não teve a disciplina de Educação Física Adaptada, justificando os dados inseridos no Gráfico 3, no qual 42.85% incluiriam tal disciplina no currículo do curso de Educação Física onde se formaram, o que hoje já é uma realidade.

Boa parte dos entrevistados (42.85%) respondeu não haver necessidade de acrescentar disciplinas, mas apenas complementar e atualizar o currículo da Educação Física Adaptada. Um entrevistado sugeriu que esta disciplina deveria ser ministrada durante todos os anos do curso integral, para permitir especificidades sobre cada deficiência, além de não deixar de fora os estágios nas instituições.

Um dos sujeitos, comentando a existência de uma única disciplina em todo o curso, direcionada especificamente para esta população, argumentou que “ainda não possuímos professores universitários com condição de falar sobre a deficiência em seu conteúdo de disciplina por vários motivos como: não ter tido esse conteúdo em sua formação, medo do novo, não se identificarem com este assunto”.

O restante da amostra (14.30%) não mencionou um nome, mas sugeriu uma disciplina mais específica e que esta fosse opcional, afirmando que “para trabalhar nesta área é necessário interesse em aprender sobre as deficiências, uma vez que muitas pessoas não gostam ou não se adaptam a esses conteúdos”.

Observando que parte dos entrevistados possuía curso de especialização na área, questionamo-los sobre a formação especializada e se a consideravam necessária após a sua graduação.



**Gráfico 4 -** Opinião sobre a necessidade da especialização.

Muitos dos entrevistados (71.42%) responderam que é essencial uma pós-graduação para se conhecer melhor a população e por ser este um trabalho diferente e especial. Um dos entrevistados relatou: “...num primeiro momento você tem a sensação de impotência a frente dos alunos, passados alguns instantes vê-se que não

é só sensação”. Além disso, referem que para se trabalhar em instituições especializadas é exigida a especialização na área.

Poucos profissionais (28.58%) consideraram importante, embora não essencial, a especialização no trabalho com pessoas com deficiência. Enfatizaram a necessidade de se conhecer profundamente qualquer grupo de pessoas com quem se deseje trabalhar, seja este grupo constituído por crianças, idosos, adultos, com deficiência ou não.

Uma das entrevistadas sugeriu que “todas as disciplinas do curso de Educação Física deveriam versar sobre a população com deficiência em sua área, como faz a disciplina de Basquete ao enfatizar o jogo do basquete em cadeira de rodas, além de uma disciplina de aprofundamento em Educação Física Adaptada visando focar assuntos mais restritos à deficiência; não vejo a necessidade de uma pós-graduação específica, mas de uma boa base durante a graduação”. Numa das tabelas anteriores, a mesma já havia mencionado esta preocupação.

Sobre este ponto de vista, Cruz (2001) relata a importância de o assunto “Necessidades Especiais – Deficiência” ser inserido na formação do profissional, durante a sua graduação. Esta preocupação não se refere a sua inclusão numa única disciplina, mas ao envolvimento de outras disciplinas do curso de Educação Física com o tema. Sinaliza, portanto, a inserção do assunto nas disciplinas comuns à graduação, promovendo o adensamento dos procedimentos e atitudes presentes na competência profissional para prestar serviços de qualidade a todas as pessoas inseridas no contexto social.

Percebe-se pelas suas palavras a necessidade de uma disciplina totalmente voltada para a formação do aluno nesta área, devido ao grande interesse atualmente demonstrado pelas autoridades educacionais pelas pessoas com deficiência, e também porque certamente todos os acadêmicos encontrarão alunos com deficiência nas escolas e em outros locais do chamado ensino não-convencional, como, por exemplo, as academias, os clubes e outros tipos de associações.

## CONCLUSÃO

O estudo sobre os professores de Educação Física que atuam junto a alunos com deficiência,

em Maringá, PR, permitiu verificar que a grande maioria dessa população leciona em escolas do ensino regular e não teve, na sua graduação, conteúdos acerca da Educação Física para pessoas com deficiência.

Foi possível identificar ainda a pouca frequência desses profissionais nesta área, principalmente trabalhando em instituições especializadas, algumas vezes por falta de qualificação e, na maioria das vezes, por desinteresse das próprias instituições.

Como, em sua maioria, esses profissionais são formados há mais de dez anos, não tiveram durante a sua graduação, conteúdos especializados sobre a Educação Física Adaptada, tendo que aprender o trato com a situação na prática ou em cursos posteriores, o que lhes ocasionou dificuldades no início da carreira. Atualmente, as dificuldades profissionais persistem, porém são relacionadas principalmente à falta de recursos, de apoio por parte dos pais dos alunos e ao baixo salário, entre outros.

Muitos professores consideram que as aulas ministradas às turmas de alunos com deficiência não se diferenciam das aulas ministradas às turmas que não incluem essa população. A respeito, porém, da formação profissional oferecida pelo curso de Educação Física, a grande maioria se mostrou insatisfeita, alegando que a formação universitária não lhes forneceu subsídios ideais para as funções que exercem. Esta opinião é decorrente do fato de a maioria deles não ter cursado a disciplina Educação Física Adaptada. Não obstante, os que passaram por ela alegaram também não ter sido bem preparados, devido à pouca carga horária, tendo que buscar na prática esses subsídios.

As áreas e os conteúdos sugeridos para auxiliar na prática com pessoas portadoras de deficiência foram a Educação Física Adaptada, Fisiologia, Recreação e a Biologia. Foi também citada a necessidade de se complementar e atualizar o programa da disciplina Educação Física Adaptada, a qual poderia ser ministrada durante todos os anos do curso, além dos estágios nas instituições especializadas de cada tipo de deficiência.

Foi então possível concluir que os cursos de graduação em Educação Física carecem de mais conteúdos e de maior ênfase nos conteúdos que já estudam durante o processo de preparação do profissional que forma, a fim de que ofereçam aos futuros profissionais mais e melhores subsídios para

quando venham a aplicá-los às pessoas com deficiência.

Concluiu-se ainda que, além dos conteúdos já oferecidos na disciplina específica, deve-se promover a participação das demais disciplinas do curso nas questões relacionadas à deficiência, a fim de preparar o profissional para atividades com essa clientela

nas mais variadas formas de aplicação das atividades físicas.

Sugerem-se, finalmente, maiores estudos sobre a inclusão de pessoas com deficiências nas aulas de Educação Física ou nas diferentes sessões de atividades físicas e sobre a necessidade da especialização para lidar com essa população.

---

## REFLECTIONS ON THE PHYSICAL EDUCATION FORMATION AND ITS APPLICATION FOR WORKING WITH HANDICAPPED PUPILS

### ABSTRACT

The number of handicapped people who practice physical activities has been increasing in the last years. Due to their eclectic formation, the professionals of the area, besides taking care of this population in gymnasiums, also teach in schools, which, due to school inclusion, include the handicapped pupils in their regular classes. In addition, it searched the identification of places where the professionals work the activities developed by them and also their opinion on the inclusion of pupils with deficiency into regular school. In this context, this study aimed at identifying if the education offered by the Physical Education course gives subsidies for the professional concerning the work with this special population. Some interviews applied to a sample of fourteen professionals who work in this field verified that half the sample had not had contents related to handicapped people during their undergraduate course, and that the difficulties in the beginning of their work were connected to the absence of experience and knowledge. It was also observed that several of them are not satisfied with the education they had, and that they miss both greater knowledge on people with deficiency and preparation on how to deal with them, problems that are only overcome with practice and experience. It was concluded, therefore, that all the subjects concerning the Physical Education undergraduate course should offer contents in the sense of enabling an educator to attend the educational needs of these pupils

**Key words:** Physical education. Professional education. Handicapped people.

---

### REFERÊNCIAS

- BUENO, J. G. S. Crianças com necessidades educacionais especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 3, n. 5, p. 7-25, 1999.
- CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação Física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. In: CONGRESSO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA DO MERCOSUL, 1., 2002. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC, 2002. 1 CD-ROM.
- CRUZ, G. de C. Formação profissional em Educação Física à luz da inclusão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 4., 2001. Curitiba. **Anais...** Curitiba: Editora, 2001. p.108-110.
- MANTOAN, M. T. E. (Org.) **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memmon, 1997.
- MARQUES, L. P. **O professor de alunos com deficiência mental: concepções e prática pedagógica**. Juiz de Fora: UFJF, 2001.
- MARTINS, J. C. B. Expectativas para o mercado profissional do professor de Educação Física. **Sprint**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 78, p. 30-35, 1995.
- MAZZOTA, M. J. S. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU, 1993.

- MOLINA NETO, V. A formação profissional em Educação Física e esportes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 1, n. 19, p. 34-41, 1997.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão, construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- CICLO DE ESTUDOS SOBRE DEFICIÊNCIA MENTAL, 7. **Temas em Educação Especial 2**. São Carlos: UFSCAR, 1993.
- VAN DALEN, D. B. Y.; MEYER, W. J. **Manual de técnica de la investigación educacional**. 4. ed. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- VAYER, P.; RONCIN, C. **Integração da criança deficiente na classe**. São Paulo: Manole, 1989.
- WÜRDIG, R. C. Dos bancos universitários aos pátios escolares: da formação inicial à prática pedagógica dos professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 1, n. 21, p. 632-638, 1999.

Recebido em 03/11/04

Revisado em 03/02/05

Aceito em 02/03/05

---

**Endereço para correspondência:** Josiane Fujisawa Filus, Rua Marechal Deodoro, 530 apt. 141, CEP: 87030-020, Maringá-PR. E.mail-josianefilus@brturbo.comr